



Mãe Terra

Espaço para depressão

Há algum tempo, li que foi encontrada uma dosagem extremamente alta, em vários rios da Inglaterra e de outros países da Europa, do princípio ativo do Prozac! Que espanto! Que quantidade tão grande é essa de pessoas deprimidas e tristes em tais sociedades a ponto de acontecer algo assim... seus resíduos contaminarem rios... Recentemente, um amigo me contou que andava com uma sensação de angústia, um vazio inexplicável, um aperto no coração e me lembrei da estória do Prozac nos rios britânicos.

Na natureza, sempre que há disponibilidade de energia e matéria, há seres que se estabelecem para aproveitar esses recursos disponíveis. É por isso que os agricultores que não compreendem o funcionamento da natureza tem que ficar brigando com o chamado "mato" ou "erva daninha". Como ouvi de um agricultor: não existe praga ou erva daninha. Esses são nossos parceiros, que nos mostram onde estamos errando. Essas "ervas daninhas" são plantas inteligentes que usam os espaços, a água, os nutrientes, o sol que nós não estamos utilizando nos sistemas de produção. É essa a estratégia que as florestas usam para se recuperar, para cicatrizar as clareiras formadas pela queda de grandes árvores velhas. Nos sistemas de produção, em que colocamos nossos esforços para produzir plantas de nosso interesse (seja para frutas, madeira, medicinais, fibras ou simplesmente para enfeitar o lugar), as "ervas daninhas" nos indicam que ainda há espaço para plantarmos. Porque quando utilizamos todos os espaços disponíveis com plantas que nos interessam, não existirá essa idéia de "erva daninha". Com as

nossas emoções e pensamentos, creio que aconteça exatamente a mesma coisa. Quando não ocupamos nossa mente, nosso coração, nossa alma com pensamentos de beleza e felicidade, com idéias e sonhos, com amor pelas pessoas e outros seres que nos rodeiam, esse vazio pode ser ocupado por qualquer "idéia ou pensamento daninho". Esse vazio que deixamos de ocupar com sentimentos de gratidão, de compaixão, de amor e de confiança se torna espaço fértil para a angústia, a depressão e a tristeza. É claro que, às vezes, é necessário um pouquinho de tristeza para cicatrizar nossas feridas. Às vezes, nos distraímos e deixamos que a tristeza ocupe os nossos espaços desocupados. Na floresta, as clareiras são ocupadas pelas "ervas daninhas", que criam as condições ideais para que as árvores se estabeleçam, ou seja, para que a sucessão aconteça, recuperando completamente a clareira. Assim deve ser quando nos distraímos e deixamos que a tristeza invade nossos vazios... deixarmos o processo de sucessão acontecer permitindo que rapidamente outros sentimentos e pensamentos ocupem seu lugar. Se isso não acontece naturalmente, é hora de manejar o nosso sistema interno para acelerar o processo... Na floresta, fazemos isso com facão, tesoura de poda, sementes, mudas e estacas. E quando isso acontece com nossos corações e mentes?... Cabe a cada um de nós pesquisar como fazer... No meu caso, ouço "Aquela que fala com todos os Seres" e entro em contato profundo com a natureza e com os seres que nela habitam, me concentro em meu interesse verdadeiro pelas outras pessoas, preencho meu coração e minha mente com meus sonhos de agroflorestar a Mãe Terra e tento não deixar nenhum espaço onde a tristeza e a depressão possam crescer.

Helena Maltez



De dentro para fora

Vamos brincar?

Aproveitando a ocasião do dia das crianças, sugiro a conexão com a criança que existe dentro de nós em seu aspecto lúdico. A ludicidade é componente crucial ao desenvolvimento humano. Entretanto, nós adultos relegamos essa capacidade ao mundo infantil e esquecemos que também temos a fonte desse talento, porém pouco nos permitimos acessá-lo. Isso talvez se dê pela crença de que o brincar é inato à criança enquanto que ao universo adulto são reservadas atividades produtivas do trabalho. Faz-se aqui uma polarização: o mundo lúdico x o mundo produtivo/sério. A lógica desse pensamento compreende que esse mundo mítico infantil deve ser superado pelo mundo da razão, que é próprio do adulto.

Sugiro desconstruirmos essa crença e nos conectarmos com a sabedoria infantil que existe dentro de nós. A criança se relaciona com a brincadeira e se interessa pelo jogo como processo, a atividade em si é que é o essencial não importando o motivo ou finalidade daquele exercício. O adulto que, por vezes, se deixa escravizar pela racionalidade,

quando se permite ser lúdico das mais diversas formas (brincadeiras, através das viagens imaginárias, sonhos que construímos, da tessitura e da aquarela de cores com as quais colorimos a realidade), busca nessa atividade um objetivo, uma utilidade. No entanto, o exercício do lúdico é um fim em si mesmo por que não busca nenhum outro objetivo diverso do prazer espontâneo. O reino do lúdico, de fato se contrapõe ao da seriedade, é o universo de tudo o que é inútil, improdutivo e vazio. E que delícia poder exercitar o imaginário sem precisar ser utilitarista, sem precisar de um produto final e ainda ter o vazio à espera de toda a capacidade criativa para imprimir a nossa marca. A nossa criança teima em só se comprometer com o desfrute do jogo e da brincadeira deixando emergir sentimentos e emoções e em contato pleno com o corpo. Tudo pode ser realizado e abstraído através da ação lúdica.

Geram-se novos sentidos. Desperta-se a sensibilidade, criatividade, senso estético, idealismo, humor...

Exercitar o lúdico é transgredir as normas, é ultrapassar o que há de normótico (a doença da normalidade) em nós. Em última instância é transcender. É ir ao encontro da criatividade, sintonizar-se com o potencial de criar, enfim, com o que há mais precioso e divino em nós.

Paula Paz



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Novembro de 2009, nº 121



O Caminho



O caminho sagrado é belo, forte e compensador, mas não é feito apenas de paisagem que festeja o olhar. Há dificuldades, desafios, obstáculos, verdadeiros testes de sobrevivência para as caminhantes que, apesar deles, se mantêm firmes em seus propósitos de fazer a caminhada. Juntas

devem trabalhar, se fortalecer, exercitar o aprendizado, consumir trocas, compartilhar farnéis e saciar a sede nas mesmas vertentes. Sobretudo, carregar pela mão as que tropeçam, curar as feridas de seus pés, confortar-se, amparar-se e respeitar-se mutuamente, emprestar seus agasalhos e, se for preciso, unir-se para levar nos ombros as companheiras feridas. Este é o sentido subjacente de caminhar na mesma direção, rumo a uma busca que não começou ontem e que vai para além dos tempos.

Estender a mão para quem caminha ao lado é se doar, mas isso é menor do que compreender. Compreender é um gesto nobre, mas é menor do que aceitar. Aceitar é notável, mas é menor do que perdoar. Perdoar é magnânimo, mas é menor do que amar. Amar é essencial, mas é muito menor do que aprender com absolutamente tudo o que o caminho oferece. O aprendizado é a grande lição, o que instiga o crescimento e contempla a evolução.

Veraluz Awad

AGENDA 2009

- *02 de dezembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa artesã japonesa Chi Nu
- *21 de dezembro: Comemoração do Solstício: «O Fogo Sagrado da Família» - aberto para homens
- *30 de dezembro: Plenilúnio: Lua Azul - Celebração da Deusa ioruba Yemanjá

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

O confronto com os desafios às vezes faz com que você se refira à própria vida como um campo de batalha. Sendo assim, venho acordar seu espírito de guerreira para a sabedoria deixada a você pela sua ancestralidade. Liberte-se da tormenta de repetir equívocos, recebendo com reverente humildade o tesouro que, por direito de herança, pertence a você. Abrir-se à lembrança desse conhecimento é o primeiro passo. Antigas dores sofridas no aprendizado da compaixão e alegrias colhidas em cada vitória se modelam em ensinamento, pavimentando e iluminando a sua estrada. Não deixe que esse legado repouse ao largo de sua vida!

A sua armadura é forjada na proporção de sua coerência e inteireza. Quanto mais você estiver consciente dos projetos em que acredita, assumindo com clareza de atitudes o que se manifesta em seu coração, mais forte e amparada você se sentirá. Sobretudo, perceba a proteção que dedico a você, mesmo nos lugares mais sombrios por onde você andar.

Contudo, não espere estar imune a infortúnios e tristezas. A vivência das situações dolorosas, sem queixas ou amortecedores, poderá produzir uma compreensão profunda das relações de causa e efeito, convertendo-se na forja que traz a têmpera exata ao aço de sua espada. Por isso mesmo, não negue a dor e tampouco se apegue a ela.

Que o entusiasmo e a alegria sejam os indicadores da presença da Verdade em sua vida. Dessa forma, não haverá batalha perdida, uma vez que em tudo haverá um ensinamento a colher. Até que você esteja apta a fundir coragem e sabedoria, manifestando na Terra a luz que emana de Mim.

Em consciência e coragem,
Aquele que é.



“...Dos pântanos cobertos de neblina ao topo das montanhas, da profundidade das cavernas ao brilho das estrelas, as nossas mentes são livres para voar e buscar a verdade, seja ela perto ou longe. Voamos com nossos mantos de penas de falcão para além dos limites criados pelos homens, seguramos com firmeza nossas espadas reluzentes e descobrimos nossa natureza de Valquírias, resgatando os antigos mistérios e poderes femininos, até alcançarmos o lugar que de verdade nos pertence...”

D.J.Conway: Falcon, Feather & Valkyrie Sword

Aumenta cada vez mais no atual caminho da espiritualidade feminina a necessidade do fortalecimento do poder pessoal, para remover as marcas sofridas dos séculos de opressão, anulação e subjugação pelas estruturas e valores patriarcais, que impuseram regras de comportamento e crenças através de força, intimidação e agressão.



Nas antigas sociedades matrifocais prevaleciam valores de solidariedade e parceria entre homens e mulheres, visando a sustentação, defesa e florescimento das comunidades. A mudança para as culturas e estruturas patriarcais levou à substituição da Deusa Mãe - criadora e nutridora da vida - pelo Deus Pai, longínquo e punitivo; a ordem religiosa e social tornou-se androcática e hierárquica e a mulher foi relegada ao papel de vilã, vítima ou escrava, sendo considerada como desprovida de alma e de direitos, por não ter sido criada à imagem do Deus masculino. Para legitimizar o poder patriarcal adotou-se o axioma de que Deus era unicamente masculino, portanto apenas os homens eram Seus reflexos e somente eles poderiam se comunicar com o divino. Este dogma oprimiu a alma feminina nos últimos três milênios e destruiu a autoconfiança nos seus direitos e valores, permitindo assim a violência e opressão nos níveis físico, emocional, mental e espiritual. Como consequência resultou um mundo com predominância de valores e ações masculinas, a egrégora deste poder aparecendo disfarçada nos valores culturais, sociais, familiares, espirituais e científicos.

Até hoje em certas tradições místicas e práticas mágicas persiste o conceito patriarcal da liderança espiritual masculina, negando o direito e a capacidade da mulher em dirigir rituais, fazer iniciações, ter visões e revelações ou receber mensagens espirituais fide dignas. A razão oculta da permanência desta supremacia patriarcal continua sendo o medo milenar e atávico dos homens em relação ao poder inato das mulheres no nível mágico e oracular. Estes dons sempre pertenceram a elas, mas lhes foram negados e ao exercê-los, elas sofreram punições ou mortes, por isso o desafio atual das mulheres no caminho da Deusa é superar seus medos, sair do ostracismo e assumir seu poder.

As mulheres contemporâneas precisam de uma tradição isenta de valores e conceitos masculinos, em que não se sintam controladas, podadas ou oprimidas, mas que também não ative nelas a rivalidade e arrogância, conscientes ou não. A auto-estima feminina será reconquistada quando a mulher se sentir livre do controle patriarcal, tendo direito para

usar suas habilidades psíquicas e criativas, sem se preocupar com a aprovação, aceitação ou rejeição masculina. Todavia, ela deverá evitar os padrões comportamentais nela incutidos pelo patriarcado com a milenar tática de “dividir para conquistar”, competindo com suas irmãs ou perpetuando os jogos de poder. As mulheres atuais devem se unir em uma mesma busca espiritual, conscientes de que o “empoderamento” de uma irmã não ameaça as outras, pelo contrário, contribui para fortalecer a todas.

Quando uma mulher contemporânea decide não mais se deixar dominar, enquadrar ou controlar por idéias, limitações ou crenças patriarcais, ela poderá sentir medo em assumir a responsabilidade pelas mudanças necessárias e as inerentes conseqüências na sua vida. A fé, a devoção e a entrega das suas decisões, opções e ações para uma imagem divina feminina lhe irão permitir a necessária ajuda e proteção, por perceber-se como sagrada e merecedora da liberdade alcançada ao assumir as rédeas da sua vida. Amparada pela conexão com os arquétipos divinos femininos, ela se tornará uma guerreira a serviço da Deusa, de si mesma e de suas irmãs.

O caminho da sacralidade feminina conduz a uma reavaliação de valores, conceitos, atitudes e objetivos, levando ao resgate do poder pessoal, intrínseco e ancestral, que permitirá definir com segurança os objetivos e escolhas. No entanto, o “empoderamento” feminino não significa imitar ou assumir modos, atitudes e comportamentos masculinos, pois a mulher não almeja tornar-se um homem, nem tomar o lugar dele. O seu propósito é resgatar o poder feminino inato, que lhe permitirá expressar a vasta gama dos seus dons e possibilidades, escolhendo o papel que quer cumprir na sociedade, em família ou no caminho espiritual como “Filha da Deusa”. Como tal ela é forte, mas compassiva, determinada porém flexível, guerreira mas companheira das suas irmãs de caminhada; ela saberá quando investir ou ceder, usar a espada ou o manto de penas, a armadura ou as asas de cisne. Ao descobrir sua verdadeira identidade, a mulher consciente da sua sacralidade agirá de forma segura, responsável e firme, defendendo seus interesses e limites, mas sem agredir, desrespeitar ou competir com suas irmãs, pois em cada uma ela reconhecerá um reflexo da Deusa. Juntas e de mãos dadas elas irão percorrer, irmanadas, o caminho espiritual que conduz as filhas terrenas ao abraço acolhedor e protetor da Grande Mãe.

Para favorecer e ampliar o crescimento multifacetado da mulher atual, torna-se imperioso que ao restabelecer sua conexão com a Deusa, ela conheça e aplique os conceitos das cinco áreas tradicionais da

ancestral sabedoria feminina, ou seja: o caminho da mestra, da curadora, da visionária, da sacerdotisa e da guerreira, que abrangem os aspectos físicos, emocionais, psíquicos, mentais e espirituais femininos.

Ao longo da dominação milenar patriarcal foram permitidos e aprovados os aspectos de mãe e mestra, o ensino sendo a profissão designada pro excelência para a mulher e sua missão existencial, a condição de mãe. Para entrar no campo da cura a mulher está batalhando até hoje, apesar de que as mulheres sempre foram as curandeiras, parteiras e herbalistas. A história de diversas culturas atesta também que as visionárias eram sempre mulheres, que guiavam as decisões dos chefes de tribos, os conselhos das comunidades, as opções de guerra ou paz, prevendo o desfecho das batalhas e as calamidades naturais, que transmitiam as mensagens das divindades e dos espíritos ancestrais. Porém, o patriarcado reprimiu e depois proibiu a atividade visionária das mulheres e negou sua inata capacidade de conexão com o plano divino. Da mesma forma foi condenada e cerceada a atuação da mulher como guerreira, mesmo conhecendo sua inata e feroz capacidade defensora dos seus filhos, bem como sua astuta atuação mediadora nas negociações de paz. O aspecto mais combatido e perseguido foi o sacerdotal, por temer sua associação com os poderes mágicos da Lua, dos ciclos, dos espíritos e das energias naturais. As religiões patriarcais como a hebraica, muçulmana e cristã destruíram a tradição sacerdotal feminina, sendo que a Inquisição criou a odiosa “caça às bruxas”, perseguindo e aniquilando as mulheres devido ao seu reconhecido e temido poder sagrado e mágico. Almejava-se também a negação dos direitos ancestrais das mulheres, que lhes permitiam possuir bens, escolher parceiros, ter a opção de gerar ou não, nomear filhos, transmitir conhecimentos, desenvolver e praticar seus dons espirituais e criativos, reverenciar e celebrar as Deusas e a Mãe Natureza.

Na ativação dos cinco caminhos da ancestral sabedoria feminina, a mulher atual assimila facilmente os conceitos de ensino, cura e percepção sutil, mas enfrenta maiores desafios e oposições (internos e externos) para assumir sua capacidade sacerdotal e mágica, devido ao contexto e ambiente religioso, familiar e social em que vive. Porém o aspecto mais difícil e desafiador para aceitar e exercer é o da guerreira, devido à associação cultural e histórica da luta com violência e agressão. No entanto, a energia de combate e defesa é um dom intrínseco e um direito natural da mulher para se defender de abusos, ameaças, dominação, opressão, injustiças e violências contra si e seus filhos.

O reconhecimento do direito sagrado de assumir o poder da guerreira é o primeiro passo para que a mulher contemporânea alcance seu “empoderamento” e se reconecte com todos os aspectos e faces da Deusa. A Deusa não se apresenta apenas com a sua face de luz, bondade, e compaixão, pois Ela também é a Senhora das batalhas, a Rainha do mundo subterrâneo e a Ceifadora da vida, das fases, dos ciclos e dos relacionamentos naturais e humanos.

O desafio da mulher que quer reaprender como despertar e direcionar seu poder de guerreira consta em falar e agir sem se tornar agressiva, rude, impositiva, desleal ou injusta, reproduzindo traços indesejáveis do comportamento masculino. O “patriarcado interior” é um

resquício negativo e nocivo que a mulher deve detectar e eliminar do seu subconsciente e da sua conduta diária, seja em que situação ou nível se manifeste.

Nem sempre o real arquétipo mítico das Valquírias é bem compreendido e assimilado, sua avaliação costumeira permanecendo na interpretação tradicional como auxiliares armadas do deus Odin e condutoras aladas das almas dos guerreiros mortos em combate. Todavia o seu simbolismo é muito mais complexo e amplo, pois a sua verdadeira natureza é de sacerdotisas da deusa Freyja na sua manifestação de Valfreyja, a Senhora do amor, da guerra e da magia. Conhecidas sob diversos nomes - Waelceaig, Waelcyrge, Valkyrje ou Alaisiagae - elas eram “realizadoras dos desejos humanos” (como Oskemeyjar), “mulheres vitoriosas” (Sige wif), “portadoras dos escudos” (Shield Women) ou apenas



as Idisi, as magas ancestrais que enfeitiçavam ou desfaziam maldições e amarras (materiais e mentais), faziam encantamentos (para mudar o tempo, proporcionar vitórias e proteger as mulheres) ou apareciam em sonhos ou visões transmitindo mensagens e alertando sobre perigos iminentes.

Uma mulher que precisa ativar ou reforçar seu poder pessoal desenvolvendo a determinação, assertividade, resiliência, espírito combativo e destemor, irá encontrar na conexão com sua “Valquíria interior” um poderoso auxílio para seu crescimento mágico e espiritual.

Para descobrir e ativar a “Valquíria interior” é necessário criar e projetar uma aura de confiança, segurança, altivez e invulnerabilidade, prestando atenção às sutis invasões do seu espaço, às provocações ou falta de respeito em relação à sua pessoa ou atuação, seja humana, sacerdotal ou mágica, atos estes provenientes de homens ou mulheres, que, se forem permitidos ou aceitos passivamente, enfraquecem a essência verdadeira do ser. Muitas vezes as próprias mulheres não aceitam a postura e as ações de uma irmã quando ela revela o seu “empoderamento”, julgando-a agressiva ou hostil, quando ela se posiciona e defende seus ideais, sonhos ou valores, em qualquer um dos caminhos que ela esteja trilhando.

Invocar o auxílio e a força das Valquírias requer também a coragem de mudar, pois Elas são deusas de transformação e renovação. Elas ensinam que a mudança e a morte fazem parte das nossas vidas e que comportamentos, valores, atitudes e objetivos ultrapassados ou prejudiciais (a si ou aos outros) devem “morrer”, seguindo o ciclo dinâmico e o pulsar da vida. Precisamos nos abrir e permitir o processo de desapego, sem impedi-lo ou desviá-lo pelos medos, remorsos, mágoas ou dúvidas, colaborando voluntariamente com a mudança para que ela seja suave e não repentina, nem traumática.

Usando o poder da Valquíria para assumir o controle da sua vida, defender seus direitos e limites, fortalecer e expressar seu magnetismo pessoal irá permitir à mulher moderna novos meios e formas de afirmação e realização, resgatando seu ancestral e sagrado poder de guerreira, para o seu bem e em benefício de Todo.